



# Piá 21

## Geografia do Rio Grande do Sul



Foto: Samanta Collares Fotografia

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o último censo apontou que a população do Rio Grande do Sul é composta por 10.693.929 pessoas, ocupando o 5º lugar do ranking dos estados com a maior população do país. A estimativa é que o estado possua 11.329.605 de habitantes em 2018. O estado possui rendimento nominal mensal per capita de R\$1635,00, sendo o terceiro melhor do país. O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (pesquisa que mede o grau de desenvolvimento econômico e a qualidade de vida oferecida à população) é o 5º no ranking nacional.

Quanto à economia gaúcha, dados de 2017, relativos à extração vegetal e silvicultura, apontam que o estado é o 3º maior produtor de erva-mate, ficando atrás do Paraná e de Santa Catarina; 4º maior produtor de pinhão; 5º maior produtor de eucalipto e 3º maior produtor de pinus. Já o censo agropecuário aponta que o estado é o 3º maior produtor nacional de feijão e abóbora; 6º de laranja, mandioca milho em grão; 2º de soja; 1º de trigo, alho, ameixa, amora – fruto, arroz com casca, aveia branca, azeitona e uva de vinho ou suco; 4º de uva de mesa.

Além disso, o estado é responsável pelo 6º maior rebanho de bovinos do país, o 2º maior de ovinos e suínos, o terceiro de eqüinos e o 4º de galináceos. A nível estadual, os maiores rebanhos bovinos do Rio Grande do Sul estão em Alegrete, Santana do Livramento e Uruguaiana, respectivamente. Santana do Livramento, Alegrete e Quaraí, possuem os maiores rebanhos ovinos; Santo Cristo, Três Passos e Aratiba os de suínos; Santana do Livramento, Alegrete e Uruguaiana, os de eqüinos; e Marau, Tupandi e Nova Bréscia, os de galináceos.

Os maiores produtores de azeitona do estado são Canguçu, Pinheiro Machado, Santana do Livramento e Encruzilhada do Sul. Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Cruz Alta e São Gabriel destacam-se na produção de soja, enquanto Giruá, São Borja, Palmeira das Missões e São Luiz Gonzaga, na produção de trigo.

A maior produção de amora está em Campes tre da Serra, seguida por Vacaria, Encruzilhada do Sul e Ipê. Morrinhos do Sul é a cidade responsável pela maior produção de bananas do estado e São José do Norte pela maior produção de cebolas. Arroio Grande, Uruguaiana e Itaqui, são, respectivamente, os maiores produtores gaúchos de arroz, seguidos pelos municípios que constam na tabela:

Maiores produções de Arroz Com casca / Rio Grande do Sul	em toneladas
1º Arroio Grande	925.378,050
2º Uruguaiana	737.190,508
3º Itaqui	568.465,735
4º Santa Vitória do Palmar	538.496,720
5º Alegrete	483.574,270
6º Dom Pedrito	356.056,673
7º São Borja	350.504
8º Mostardas	263.464,650
9º Jaguarão	256.020,549
10º Camaquã	225.234,800.

Fonte: IBGE

### TU SABIAS?

- Em 05 de setembro de 1939, José Anélio Saraiva fundou o Piquete Ponta Alegre, o primeiro Piquete da história do tradicionalismo.
- Na época da fundação do 35 CTG, a utilização termo "pilchado", para designar quando a pessoa estiver tipicamente trajada de gaúcho, foi uma sugestão de Antônio Candido da Silva Neto.
- Fernando Augusto Brockstedt teve a ideia da criação de uma federação de entidades tradicionalistas do Rio Grande do Sul, o nosso atual MTG.
- Foi Barbosa Lessa quem sugeriu o nome de Manoelito de Ornellas para ser o orador oficial na abertura do primeiro Congresso Tradicionalista.
- No primeiro Congresso Tradicionalista foi feita uma moção propondo uma comissão para redigir uma Declaração de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho.
- Jayme Caetano Braun foi o primeiro Presidente do Conselho Coordenador, em 1960.
- Somente em março de 1975, o Conselho Coordenador passou a denominar-se Conselho Diretor.
- Santa Maria foi a cidade que mais sediou Cirandas de Prendas, sendo sede por seis vezes.
- Em 1994 Ivo Benfato apresentou a proposta que sugeria a definição de um objetivo anual a ser perseguido em âmbito estadual, por todas as entidades filiadas.
- Sônia Geyer Schemalle foi a primeira mulher coordenadora (2ª Zona Tradicionalista), em 1960.

Fonte: FRAGA CIRNE, Paulo Roberto de. Tradicionalismo Gaúcho Organizado.



## HISTÓRIA

## Quem foi Simões Lopes Neto?

João Simões Lopes Neto, nascido em Pelotas, no dia 9 de março de 1865, é um dos emblemáticos nomes da literatura regional do Rio Grande do Sul. Responsável por algumas das principais obras que retratam o imaginário gaúcho, Simões Lopes Neto, como é conhecido, é o autor de obras como *Contos Gauchescos*, *Lendas do Sul*, *Cancioneiro Guasca* e *Causos do Romualdo*. De suas obras, destacam-se no meio tradicionalista dois personagens importantes: Blau Nunes e Salamanca do Jarau, lembrados constantemente por meio do hino tradicionalista, cuja letra, escrita por Barbosa Lessa, tem entre suas intenções incentivar a pesquisa e a curiosidade dos tradicionalistas a respeito das obras de Simões Lopes Neto. Além disso, o escritor foi o grande líder nos primórdios da centenária União Gaúcha João Simões Lopes Neto, participando da primeira tentativa de organizar um movimento de culto às tradições do Rio Grande do Sul. Nesta edição do caderno piá, abordaremos um pouco da obra "*Contos Gauchescos*", que traz diversas informações a respeito da paisagem do pampa, das características do gaúcho, bem como reflexões acerca das virtudes e fraquezas humanas.



Em "*Contos Gauchescos*", o autor apresenta e solicita ao leitor que escute Blau Nunes,

"Genuíno tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de

rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco."

Na obra, por meio do narrador Blau Nunes, o autor traz à cena os contos *Trezentas Onças*, *Negro Bonifácio*, *No Manantial*, *O Boi Velho*, *O Mate do João Cardoso*, *Deve Um Queijo*, *Correr Eguada*, *Chasque do Imperador*, *Os Cabelos da China*, *Melancia*

– *Coco Verde*, *O Anjo da Vitória*, *Contrabandista*, *Jogo de Osso*, *O Duelo dos Farrapos*, *Penar de Velho*, *Juca Guerra*, *Artigos de Fé do Gaúcho*, *Batendo Orelha*, e, *O Menininho do Presépio*.

Veja na íntegra um destes contos, "*O Boi Velho*", que fala sobre a ganância e crueldade humana que, por vezes, ao não mais ver serventia em algo, descarta como se nunca antes lhe tivesse sido útil:

"Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem!



## HISTÓRIA

## O boi velho

"Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem!

Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga se não é mesmo!... Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher.

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!

Já vê... o banheiro não era longe, podia-se bem ir lá de a pé, mas a família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras-donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzita, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criançada pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as toalhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajojasse.

Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes, um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles, saíam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos.

— Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oôch!... oôch!...

E algum daqueles traquinas sempre desencovava uma espiga de milho, um pedaço de abóbora, que os bois tomavam, arreganhando a beizola lustrosa de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali à vista da gurizada risonha.

Pois veja vancê... Com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo família, e como quera, pode-se dizer que houve sempre senhoras-donas e gente miúda para os bois velhos levarem ao banho do arroio, no carretão.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.

Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido... Cá pra mim o boi velho — uê! tinha caraca grossa nas aspás! — o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...

— Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!...

Quando o Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro mim, os urubus abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, às vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

Bichos malditos, estes encavoados!...

Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso. também...

Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro.

Foi um alvoroço da miuçalha.

— Olha o Cabiúna! O Cabiúna! Oôch! Cabiúna! oôch!...

E vieram à porta as senhoras-donas, já casadas e mães de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

— Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não aguentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspás, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo dalguma sangá e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...

E já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. A mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro...

Pertinho estava o carretão, antigão, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansando sobre o muchacho.

O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumenta do sangue do coração...

Houve um silenciosito em toda aquela gente.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe se entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregação de picana, mal dado, por não estar ainda arrumado... — pois vancê creia! —: soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzís... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca...

E ajoelhou... e caiu... e morreu...

Os cuscos pegaram a lamber o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e meteu-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

— Tome, tabiúna! Nó té... Nô fá bila, tabiúna!...

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!...

— Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velho!...

— Cuê-pucha!...é mesmo bicho mau, o homem!"

